

Textos

Glauco Macedo de Azevedo

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 21/10/2014

Título : A MORTE DA VIDA ETERNA

Categoria: Contos

Descrição: "Não sorriam. Nunca sorriam. Apenas andavam penosamente, com alguns pingos de urina a escorrer sob a roupa, entre as pernas flácidas de anciãos..."

A MORTE DA VIDA ETERNA

Saíram os dois pela rua íngreme do asilo, cuidadosamente, passo a passo, como se temessem um escorregão inesperado. Não sorriam. Nunca sorriam. Apenas andavam penosamente, com alguns pingos de urina a escorrer sob a roupa, entre as pernas flácidas de anciãos. Depois do ano dois mil, em P., para cada lado que se olhasse havia todo tipo de asilos de velhos. Na época, os filhos, qualquer filho, decidiram-se por expulsar os pais de casa, no caso, da própria casa paterna.

Não se tocavam durante a caminhada, os meus velhos, tampouco se davam as mãos ou falavam entre si. Mamãe apenas limpava o nariz com um lenço branco de algodão e Papai fazia o mesmo gesto, utilizando a manga do casaco.

O frio intenso tornava ambos mais encarquilhados e a névoa branca da manhã molhava levemente as cãs dos velhinhos zangados entre si. Papai seguia um passo à frente dela e não se detinha, embora representasse temer qualquer

surpresa na esquina. Mamãe olhava profundamente os transeuntes da rua do asilo, cada um detidamente, como se neles procurasse algo de familiar, ora detinha-se no sapato que algum passante usava, ora observava o casaco de outro.

Homens e mulheres se apressavam, num ir e vir de gente jovem, coisa já bem incomum aos dois velhinhos. Papai desviou-se demasiadamente de um ciclista, prensando-se contra o muro, como se temesse até mesmo o vento propagado pelo tal. E Mamãe já se atrasava dois passos em relação a ele.

Na banca de jornal, Papai deteve-se e passou a examinar as manchetes, através das lentes grossas dos óculos. Poderia comprar a Zero Hora, mas talvez aí seu dinheiro não desse para o almoço com os filhos, o que faria a velha ralhar com ele. “Governo extingue oito modalidades de benefícios previdenciários”, leu, cuspiu e grunhiu alguma nova infâmia contra o poder político. O governo, logo, extinguirá os próprios velhos e alquebrados, pensou, e quando Mamãe aproximou-se da banca de jornal, retomou imediatamente sua marcha.

Há dois meses não saíam do asilo, seus sentidos, então, pareciam mais despertos do que nunca. Papai sentiu vontade de fumar. E o faria, se a velha não estivesse com ele. Mamãe sentiu vontade de tomar chá com amendoins salgados, ou amendoins salgados com mate quente. Mas isso demonstraria ao velho alguma fraqueza sua, representada num desejo típico de pessoas jovens. Então, era melhor esquecer.

Mamãe pensou em como reencontraria os filhos. Jamais vinham ao asilo, nem o caçula, nem mesmo a primogênita. Os filhos estavam ficando velhos e pareciam embutir-se nos estojos de suas casas, temerosos de ver com os próprios olhos sua futura condição, fidedignamente representada nas feições dos pais. Com as mãos ajeitou os cabelos, apertou o coque sobre a nuca, endireitou a blusa, não queria parecer desgrenhada como o velho. Os filhos notariam sua compostura. Talvez a dessem uma nova chance. Caso noras e genros e netos aprovassem. Havia a questão da incontinência, mas o velho também era incontinente, e, além disto, fumante e teimoso, fora o fato de beber cachaça, todas as sextas-feiras, a partir do meio dia. Muito mais civilizada era ela, haveriam de confirmar todos eles esta verdade, refletiu mamãe.

Papai chegou à parada de ônibus e encostou-se à cerca. Duas moças aguardavam ali, e não o olharam. Mamãe dobrou a esquina e Papai virou-lhe a cara imediatamente, passando a observar os operários de macacão que chutavam uma murcha bola de futebol no meio da rua, em frente à fábrica de conservas.

As moças da parada de ônibus falavam sobre seus respectivos empregos e maridos, em relação aos quais, empregos e homens, cotejavam restrições. Papai observou que, logo, ambas as moças, evoluiriam destas condições reclamadas, embora todo marido, esposa ou emprego vindouro pudesse não ser exatamente uma evolução.

Mamãe chegou à parada e cumprimentou as duas moças que mal lhe responderam. Observou, como sempre fazia, detidamente suas roupas e os cabelos. Comportamento este que Papai achava ridículo e abominável, como tantos outros cacoetes da velha. Papai desprezava as pessoas, simplesmente não sentia nenhuma vontade de comparar-se a seres tão estupidamente abjetos,

alienados e descartáveis, segundo seguidamente afirmava. Também por isso Mamãe o chamava de grosseiro.

Os homens de macacão afastaram-se do leito da rua, e um ônibus de freios guinchantes ocupou-o, a bola rolou por debaixo da carroçaria do carro e Papai não mais a viu. Tossiu, forçou os olhos e leu no pára-brisa do ônibus “Divina Providência – Centro”. Ouviu Mamãe pedir às moças de que ônibus se tratava, irritou-se tão profundamente com esse fato que seu rosto tornou-se vermelho e suas mãos sacudiram-se no ar, fazendo todo seu corpo tremer.

Havia mais dois homens jovens na parada e estes foram os primeiros a embarcar, tão logo o carro parou. Papai observou neles ares absolutamente idiotas, como que robotizados, sem qualquer fineza ou educação. Com uma mesura, permitiu que as duas moças subissem na sua frente. Elas passaram sem nem sequer dirigir-lhe um olhar. Logo que elas subiram, Papai meteu-se na frente de Mamãe, por pouco não atingindo o rosto dela com a ponta do cotovelo.

Mamãe resmungou algo, mas resignou-se, subindo em seguida. A porta fechou-se atrás deles e o veículo arrancou suavemente. Na rua do asilo, um motorista educado deveria sempre agir assim, embora esta não fosse uma prática muito comum. Papai sentou-se num banco reservado, tento afastado com certa rispidez um garotinho loiro que ali se encontrava. A mãe do garotinho dirigiu a Papai um olhar de notável reprovação, balançando negativamente a cabeça. Mamãe foi quem se desculpou com a mulher, enquanto Papai fuzilava ambas com olhos rabiosos.

O ônibus passou a dobrar esquinas e a frear interminavelmente. Papai sentiu-se nauseado e zozzo. Mamãe já havia se sentado ao lado de uma senhora bastante gorda e puseram-se a confabular. Papai pôs-se em pé repentinamente. Pretendia falar ao motorista ou qualquer coisa que o valha. Aos arrancos aproximou-se, disse-lhe alguma coisa. O condutor parou o ônibus, abriu a porta de ar comprimido e Papai desceu a escadinha sob o olhar estupefato de Mamãe. Assim que tocou a calçada, ouviu a voz gritada da velha, curvou-se um pouco, sua cabeça quase tocou a lateral do veículo, e vomitou, à vista de todos, com o pouco de dignidade que restava àquela situação.

Os passageiros olharam curiosos pelas janelas. Papai concluiu que todas aquelas cabeças devem ter imaginado que tais velhos mal se aguentam nas pernas e nos estômagos, e que são mesmo uns cretinos pelo fato de transitarem por aí, tornando desconfortável a vida das outras pessoas.

Mas tudo o que viram foi um velhinho muito pálido, com fios de baba pendendo do queixo pela gola, com os alvos cabelos despenteados, limpando a boca num lenço de duvidosa limpeza.

Papai simplesmente sinalizou com as mãos e o lenço ao motorista para que seguisse viagem. O carro arrancou e Papai passou a andar na direção contrária àquela pela qual a pouco se dirigiam embarcados no coletivo.

Mamãe procurou vê-lo, disfarçando certa vergonha pelo ocorrido, ainda assim desculpou-se com os passageiros pelo contratempo. Iria sozinha ao encontro dos filhos, era a sua ideia, demonstraria lucidez e discernimento. Contaria o ocorrido com o velho e, certamente, sua prole não deixaria que voltasse assim ao asilo. Manteve-se atenta à viagem. Sentiu também certa ânsia, o que a tornou preocupada e silenciosa.

Papai parou diante de um restaurante, logo depois de ter deixado o ônibus. Havia mesas e cadeiras dispostas na calçada, sentou-se numa delas e sentiu-se novamente bem. Um garçom, garoto ainda, veio atendê-lo e tratou-o por “senhor”. Gostou daquilo, odiava quando o chamavam de vovô. Encorajou-se e pediu cigarros avulsos e fogo. O garçom afastou-se e logo veio com alguns cigarros e fósforos. Papai prendeu um deles aos lábios aproximando-o à chama do fósforo que o jovem garçom o estendeu. Tragou, franziu o cenho e expeliu a fumaça azulada, sobrevieram-lhe pensamentos remotos com mulheres jovens e boleros antigos. Um sorrisinho silencioso contraía-lhe os lábios.

Mamãe pediu à senhora que se sentava ao seu lado que rua era aquela pela qual passavam. A tal senhora respondeu que era a Rua General Osório. Mamãe não contava que estivessem nesta rua. Tencionou informar-se da altura em que ficava o restaurante onde se reuniria com os filhos, no entanto, não recordou o nome do restaurante. Sentiu um aperto na garganta. O velho contava com uma boa memória para nomes de lugar, era verdade. Decidiu que deveria descer daquele ônibus para melhor situar-se.

Após fumar todo um cigarro, Papai pôs-se de pé. Levava mais três cigarros avulsos no bolso da calça. Conferiu as horas e retomou sua marcha, meio indeciso. Passou por um garoto cabeludo deslizando sobre um skate e xingou-lhe de “demônio de rodinhas”. Parou na esquina, havia um grande fluxo de carros. Observou que os motoristas tinham as caras crispadas de ira, buzonavam e a maioria fumava. Transpôs a rua quando o sinal fechou para os carros, e tão logo pisou na outra calçada, estancou de súbito, quase sendo abalroado pelos caminhantes que o seguiam. Pôs outro cigarro na boca, acendeu-o e tornou a andar calmamente, expelindo fumaça entre algumas tossidas.

Mamãe desceu na parada seguinte. Sentiu dor nos joelhos e alguma tontura, ao galgar para baixo a escadinha. Não vomitaria até que o ônibus partisse. Afastou-se o que pôde e parou para descansar. Todavia conteve a ânsia. O vento frio encarregou-se de melhorá-la. Viu o ônibus seguir e lembrou-se do velho.

Papai sentia-se divinamente bem, neste momento. Alguns homens cumprimentaram-lhe, ao que respondeu com um maneio de cabeça. Pensou nos filhos. Quatro filhos. Três homens e uma mulher que talvez o aguardassem nalgum restaurante para não fumantes. Cogitou em não ir ao encontro. Far-se-ia representar pela velha. Pensou em ir ao hipódromo, estava perto e não sentia fome. Ao ter concebido esta ideia, passou a andar mais rapidamente.

Na calçada em que Mamãe caminhava, havia uma florista bem movimentada. Ela adentrou na loja e passou a observar detidamente as pessoas, como sempre fazia, tempo depois, observou as plantas. Interessou-se muito pelas mudas de miosótis e passou a examiná-las. Pensou num belo jardim que não possuía, de uma bela casa que já teve, e que agora era habitada por um dos filhos. Já que logo voltaria à sua casa, pensou Mamãe, talvez devesse levar alguns enxertos de miosótis ou de flor-da-noute. Uma vendedora veio atendê-la.

Entrando na hípica, Papai recorreu o prado quase todo examinando suas raias. Interessou-se pelo páreo de cinco cavalos. Examinou as raias, anotando mentalmente a primeira e terceira como ótimas, a segunda como razoável e as outras duas como muito irregulares. Rumou às cocheiras, passando pelo guichê a fim de ver o programa de corridas. Neste momento, observou um casal de idosos que caminhava à sua frente, mãos dadas, pareceu ter visto sorrisos em

suas feições, sorrisos discretos, mas pareceu ter notado, afastou-se meio zangado. Precisava concentrar-se no seu infalível palpite turfístico.

Mamãe optou por quatro mudinhas de cada uma das espécies miosótis, flor-da-noute e cravina-de-túnis. Custou-lhe tudo quatorze contos de réis. A florista depositou os saquinhos de mudas num pacote pardo, garantiu que a terra dos saquinhos continha húmus e que Mamãe deveria manter tais invólucros por ocasião do transplante. Mamãe saiu da loja de flores com o semblante radiante. Lembrou-se de comprar uréia na casa agropecuária e para lá rumou, depois de informar-se sobre onde esta ficava.

Papai examinou os cavalos do páreo que correria em vinte minutos. Adentrou nas baias com olhos enigmáticos, sentindo uma onda de entusiasmo que envolvia seu corpo e mente, como uma corrente elétrica. Observou a égua número oito e a descartou sem mesmo observar os demais animais. O cavalo dezessete pareceu-lhe demasiado indócil, notou que o animal não era capado. O cavalo onze, embora forte, apresentava o ventre inchado e seus olhos mal se mantinham abertos. Ambos foram descartados. Sobraram o quatorze e o nove. Papai tocou a anca do tordilho número nove, o baixo da barriga. O cavalo não reagiu. O quatorze tratava-se de um baio. Não gostava de baios. O tordilho nove possuía um peitoral impressionante, virilha esguia, capado, atento, olhos ligeiros. O cavalo baio ostentava um inchaço na sobreperna direita. Papai dirigiu-se ao barranco da hípica com suas anotações mentais e as velhas dúvidas turfísticas.

Mamãe, após comprar meio quilo de uréia, embora desconfiada de que não fosse o bastante, rumou, depois de ter obtido informações, à rua Rivadávia Correia, logradouro da sua antiga casa. Disseram distar duas quadras e meia. Mas Mamãe optou pela caminhada, o que fez em menos de quinze minutos. Calculou que fosse perto das onze horas quando adentrou pelo pátio da casa de tijolos à vista, hoje habitada pelo filho caçula, sua nora e os dois netos. Portão aberto. Pintura descascada. Jardim absolutamente abandonado. Sentiu-se revigorada ao olhar o pacote de mudas em suas mãos. Procuraria no galpão dos fundos suas velhas ferramentas de jardim.

Havia poucas pessoas no barranco e Papai sentiu vontade de beber uísque de uma garrafinha de bolso. Faltavam quinze minutos para a largada do páreo, decidiu-se por não analisar os jóqueis e dirigiu-se à copa. Antes de deixar o barranco, ainda pôde olhar a única égua do páreo, absolutamente galante. Nem parecia aquela que tinha visto na baia. Depois dela surgiu o tordilho. Os jóqueis da égua e do tordilho pareciam excessivamente encorpados. Papai apressou-se. Comprou um copo plástico de uísque com gelo na copa e dirigiu-se ao guichê. Equilibrou com custo o programa de corridas e o copo de uísque, decidiu secá-lo de um gole a fim de que libertasse as mãos. Depois de beber, sentiu intensa onda de calor envolvendo seu cérebro. Comparou os tempos dos cavalos. Tinha dificuldade com as letras. Viu que a média da égua número oito era a melhor do páreo, considerados os últimos dez páreos. Viu que o tempo do baio era o mais baixo dentre todos. Não havia filas no guichê, poderia demorar-se mais.

Mamãe encontrou aberto o galpão dos fundos, suas ferramentas de jardinagem estavam guardadas no mesmo saco de aniagem onde as deixara antes de ser levada pelos filhos ao asilo. A tesoura de poda estava enferrujada, mas a pá e a enxadinha-de-bico encontravam-se em boas condições. Em duas vezes, levou

tudo ao jardim que ficava no fundo do terreno. As ervas daninhas tomavam conta de tudo. Voltou depois a fim de buscar o enxadão. Seria um trabalho um tanto árduo. Se o velho estivesse por aqui talvez a ajudasse a revolver a terra. Pôs-se a capinar. A terra estava macia. O enxadão penetrava-a e leivas de grama e terra emergiam. Sentia grande disposição. Entre as enxadadas surdas, viu que o cercado dos fundos encontrava-se esburacado. Teve vontade de ralhar com o filho acerca disto, mas conteve-se. O velho logo chegaria e tomaria providências. Se assim não fosse, os animais domésticos da vizinhança, por certo, poriam tudo a perder. O antigo carro do velho estacionou em frente à casa. O filho caçula desceu, protegendo com a mão os olhos do sol, tentando ver quem era a pessoa curvada, sachando no jardim.

Papai decidiu-se finalmente pela égua que inicialmente havia descartado, a de número oito que correria na primeira raia. Nunca se tem tudo. Ou o parreio é ruim ou a raia é ruim. Entrou numa aposta de dez para um. A que melhor estava pagando. Decidiu ficar contra a correnteza. Naquele dia, desde que descera do ônibus que o levava ao encontro dos filhos maçantes, de certa forma, mantinha-se contra a correnteza. Resolveu apanhar novo copo plástico de uísque e assim o fez. Sentia-se um pouco cansado, as pernas lhe doíam um pouco. Suas pernas levavam uma grande liberdade sobre elas, uma liberdade indescritível montada em seus ombros. Lembrou-se de como a velha odiava corridas de cavalo.

Quando estava picando a terra antes revolvida de seu pequeno canteiro, Mamãe notou a presença do filho caçula e dos dois netos. Aquelas crianças loirinhas que logo esmagariam seus miosótis sob os pneus das bicicletas. Decidiu que antes de qualquer coisa advertiria os netos acerca desta possibilidade de dano. E assim o fez, antes de qualquer outra palavra. “O que faz aqui Mamãe?”, perguntou-lhe o filho caçula. “Então não quero que andem de bicicleta em meu jardim.”, ela disse. “Onde está Papai?”. “Seu pai desceu do ônibus e sumiu. É o tipo de homem que não se interessa por flores, nem por filhos, sabia.”. “Onde ele desceu, Mamãe?” A nora aproximou-se do jardim e mandou que os meninos entrassem na casa. Perguntou em voz de baixo ao marido: “O que ela quer?”. “Parece que quer plantar algumas flores.”, disse o homem. “Eu não quero ela aqui”, disse a nora. “Posso ajudar no jardim”, gaguejou Mamãe. Em seguida, seus olhos queixosos verteram lágrimas grossas. O filho caçula tomou-lhe das mãos a enxadinha-de-bico e devagarinho foi a conduzindo ao antigo carro do velho. “Venha Mamãe. Precisamos ir.” Ela agarrou-se ao pacote de mudas, suas lágrimas banharam as plantinhas de miosótis, de flor-da-noute e de cravina-de-túnis. O saco de uréia recebeu também suas lágrimas e a terra com húmus também se molhou com o choro de Mamãe. Soluçando, entrou finalmente no carro, e, na segunda esquina da rua Rivadávia, dentro do carro guiado pelo filho caçula, Mamãe morreu, mas não morreu exatamente, deixou-se morrer, simplesmente.

Papai soube da morte de mamãe três horas depois de seu passamento. Embriagado, foi encontrado a dormir numa das arquibancadas da hípica. A égua número oito da primeira raia vencera o páreo. Papai embolsou noventa contos de réis. Um estafeta passou a lhe trazer copos plásticos de uísque. No quarto páreo Papai urinou-se, era a incontinência vencendo seu páreo. Em seguida vomitou e depois dormiu na arquibancada. O estafeta levou todo seu dinheiro, exceto um cigarro avulso que fedia a urina. Levado para casa, suas noras negaram-se a banhá-lo. O filho caçula justou uma enfermeira gorducha que o

banhou, barbeou e aplicou-lhe uma essência que fedia à figueira-do-inferno. Logo após ter visto Mamãe no caixão, Papai procurou sair rapidamente da sala mortuária, passando velozmente entre os parentes que tentavam confortá-lo. Ouviu de um deles que a velha, durante sua bebedeira na hípica, tentara plantar flores no jardim da antiga casa. Dirigiu-se, então, à antiga morada, apressadamente, abandonando o velório ao meio. Pensou em comprar meio quilo de uréia, embora a velha jamais esquecesse tais detalhes. Sentia-se ainda um pouco tonto, e atribuiu à tal bebedeira o fato de ter chorado no caminho até a Rua Rivadávia.

Depois que Mamãe morreu, Papai foi se finando e, em pouco tempo, transformou-se numa pálida sombra, mas recuperou aquele semblante arrogante e zangado exatamente no dia em que, no cemitério São Luiz, foi enterrado justo ao lado dela.

Data : 20/10/2014

Título : A MORTE DO AMANUENSE

Categoria: Poesia

A MORTE DO AMANUENSE

A fita da máquina de escrever e eu
enfraquecemos
e morremos num azul transparente.
Houve missa depois do expediente.
Minha mãe veio de longe,
achou-me bonito,
achei-a também bonita,
mas não pude dizer nada.
Já o chefe cuspiu algumas palavras,
Outras travaram em seu bigode.
Parecia aliviado, o maldito!
Fui servido às minhocas,
ao meio-dia.
Ex-mulheres não foram avisadas,
nem seus advogados,

nem Ferlinghetti,
nem Bob Dylan.
Os papéis tolos da repartição
foram os únicos a chorar.
Desci temeroso ao inferno.
Temeroso que me dessem lá
pior faina que essa daqui.
Pelo sim e pelo não,
levei os carimbos no bolso
e o velho furador de papéis.

Data : 21/10/2014

Título : DIABOS ALCATROADOS

Categoria: Poesia

Descrição: "Jesus se levanta, faz o sinal da cruz. O galo dorme, ele toma café..."

DIABOS ALCATROADOS

Jesus se levanta,
faz o sinal da cruz.
O galo dorme,
ele toma café.
Amola seu único dente,
beija a mulher,
pega o cipó,
corre a Dr. Timóteo,
dobra a Vasco Prado.

Nem sente mais sono.
Jesus abençoado.

Homem empregado,
no auge da forma.
Chega na firma,
bate o ponto,
calça as luvas,
beija o chefe,
liga o torno,
prega-se na cruz.

Feliz é Jesus,
de torno ligado,
macacão surrado,
salário garantido,
seguro e desesperado.
Jesus freza,
Jesus chumba,
Jesus endireita.
E Jesus aceita
a marmita fria,
a mente vazia
e a vida sujeita.
Mas feliz é Jesus.

Infeliz é Genésio.
Homem de bem.
Homem também,
embora o tenham por menos,
talvez sendo um pouco mais.

Genésio bebe.
Genésio fuma.
Genésio atrasa.
Dorme mais que a cama.
E o chefe designado
manda-o embora

a qualquer hora,
toda semana.

A rua, em suma,
uma pinga, sua cama.
E o grito subversivo:
“Haverão de tomar no cu”,
É tudo que Genésio sabe.
É tudo que Genésio ama.

Genésio e Jesus,
os diabos alcatroados,
que trabalham e duelam por comida,
não obtendo, deveras, qualquer vantagem na vida.

E enquanto os grão-senhores,
reprimem,
fartam-se;
expulsam,
adentram;
demitem,
admitem;
vigiam,
ocultam-se;
exploram,
deploram.

Algo haverá nos céus,
sem relação nenhuma com o que há aqui.

Data : 21/10/2014

Título : JOÃO SUJO

Categoria: Poesia

Descrição: "Desprendido da existência e das obrigações civis, fechado em seu caixão com cento e nove pregos..."

JOÃO SUJO

Desprendido da existência e das obrigações civis,
fechado em seu caixão com cento e nove pregos,
tenro apesar dos sessenta anos na função de gente,
baixado de um cargo público vil e abjeto,
livre dos cinco filhos, todos facínoras ou bandidos,
dispensado, doravante, de indagar-se "aonde irei?",

é isolado por derradeiros onze metros cúbicos de terra
o bom e pobre João Sujo.

Enquanto os tártaros idolatravam a carranca horripilante
e chifruda de Chan-Chi-Tangu.

João Sujo idolatrou somente a boa gente viva.

Ademais teve poucas alegrias ao longo da vida.

A série de garrafas de vidro contendo cachaça,
nas quais serviu-se do mau gênio da boa morte,
foi o que pôs termo a seu diário sofrimento.

O médico atestou-lhe a morte por carcinoma hepatocelular.

Toda a boa gente viva imediatamente fechou a cara ao morto.

E o coveiro público lancetou-lhe a barriga para fechar o caixão.

Nas sessenta segundas-feiras anteriores à sua morte,

João Sujo iniciara sessenta semanas de cão.

Há algo na vida de pobre
além daquela pobre morte?

Na sexagésima primeira, que foi a última, apenas escreveu,
tendo a mão trêmula e as unhas tintas de breu:

O pior poema que tenho
é aquele que levanta da cama,
sai de casa,
dobra a esquina
e segue em frente,
que respira mal mas avidamente.
E se levanta, todo dia, o pior poema,
na mesma hora de sempre.
Levantar-se na exata hora,
e sair não à toa,
respirando mal,
claudicando um pouco,
é o péssimo poema que a mim se oferece,
diariamente.

Enquanto morria,
um gato magro miava fino no telhado tosco da casa suja.
E a ninguém no mundo interessava a mesma morte do próximo João.

Data : 31/10/2014

Título : O CAVALO

Categoria: Contos

Descrição: "...apesar de boas noções de aritmética, geodésia, esgrima e linguagem transmental, além de contar com farta imaginação e um sem igual pensamento, nunca obtive muito sucesso por aqui, em Passo Fundo d?Artes..."

Sou um cavalo, um mero cavalo de carroça. E apesar de boas noções de aritmética, geodésia, esgrima e linguagem transmental, além de contar com farta imaginação e um sem igual pensamento, nunca obtive muito sucesso por aqui, em Passo Fundo d'Artes, pouso hoje desse bicho da terra tão pequeno. Meu primeiro dono, e isso já vão anos, era um lorde culto e solitário que me teve por seu cavalo de confiança e melhor amigo. Um tipo excêntrico que praticava junto a mim artes variadas próprias dos humanos mais instruídos, habilidades que assimilei graças à minha natural inclinação ao romantismo científico. O período em que permaneci com este senhor foram os melhores anos de minha vida: farto alimento, sossego físico e paz ao instinto. Mas sendo ele um sujeito dispendioso e um tanto maluco, nossa bonança durou pouco.

Passei de mãos, então, até chegar a d'Artes, onde mais não faço que refletir enquanto trote, arrastando a carroça tosca da minha sina (creio que já façam isso em outras paragens). Pertencço agora a um homenzinho magro e cruel, de dentes escuros, olhar duro e feição de fera, a quem meu arcabouço intelectual não tem qualquer serventia. Puxo a carroça para segui-la puxando, cumprindo o pressuposto da besta doméstica civil, que trabalha para continuar trabalhando.

Com o avanço da idade, meu pelo zaino desvirou num mouro encardido feito as cãs dos sofredores diários da terra. Hoje, por azar do chão, manco da ranilha, obra de um prego que ainda levo cravado adiante. Minhas orelhas sempre penderam para as de asno, embora meus olhos sejam belos e límpidos. No lombo há brocas que o carroceiro enche de palha. Minha magreza é horripilante, mas meus dentes, e em nosso caso há sempre que se falar neles, trituram, havendo o quê, com desenvoltura e gosto. Embora filosofe bastante, já não relincho mais aquela toada vibrátil que arremeteu certas egüinhas pelos penhascos. No lugar da sela impecável do meu primeiro senhor, do freio folhado a bronze, dos bastos macios e do baixeiro de lã da Hungria, visto-me cá de uma tralha esfarrapada. Nos bons tempos, fui chamado de Monsieur Vizir II, esse homenzinho de agora, enquanto lambe-me com seu açoitete, destrata-me pelo mau nome de Meio Quarto.

Nesta manhã terrível, depois de vários dias em que obtive apenas dois caroços de pêssego e meio litro de uísque, eu, um autêntico Equus Sapiens, subo a Avenida Sinimbu, brenha a pique de gente pobre e cavalos feios, o meu eito. O homem, em pé na boleia, excitado e mau, açoita-me a garupa que o vento assopra ardido. Catamos, nos bairros certos, o lixo alheio que nos sustenta. Uma revoada de moscas suga-me as orelhas, o pescoço, as partes indignas, mas na rodovia buliçosa dos carros, desistem de mim e voltam ao fedor mais familiar e profundo da Vila Farroupilha.

Um cão chamado Bife, também propriedade do homem, acompanha nossa jornada, mas em face das naturais inimizades de raça e outras diferenças adquiridas, pouco nos comunicamos eu e esse cão. Ademais, trata-se de um canídeo jovem e de natureza irascível, o que reduz em muito nossos assuntos de interesse mútuo.

Cumprida a primeira légua, próximo às zonas mais nobres da cidade, com meu casco avariado espalhando ondas de fogo quartela acima, profetizo como Zacarias em Jerusalém, "Dizei à filha de Sião: eis que o teu rei vem a ti, manso e montado sobre um jumento, um burrico, filho de uma burrica" Mas, entrando

na praça, hoje, represento apenas uma cavalgada bastante lesa sustentando um Cristo muito do feioso.

O tempo rola, a carga aumenta, a vida diminui. Na Brazil Avenue, os autos balançam a carroça, os choferes injuriam o homem que me injuria por redobrada chibatada. “Mas perdoai-o, Pai...”. Na Gare, pelo peitoral já arrasto o continente da Ásia. Meu amo, erguido sobre a carga, cutuca-me, nas subidas, com a aguilhada e, nas descidas, faz o freio defeituoso serrar-me os beiços.

Na Presidente Vargas, um baio musculoso, refestelando-se na pastagem da Terceira Cavalaria Montada, zomba de mim: eis Meio Quarto de Milha Curta, o Inexperito! E, com os outros hipomorfos ungulados e grosseiros, deitam-se a rir desse bom equino que sou, um quadrúpede, quiçá, mais letrado que a média geral dos viventes: “...na terra, tanta guerra tanto engano, tanta necessidade... tantas vezes...”. Por regra, mantenho meus olhos baixos. O raciocínio desaconselha a luta física. Minhas antenas só auscultam sonetos legítimos que nunca soam. Vozes de bichos, de gentes e o ronco dos carros e das motocicletas históricas não me dizem respeito.

Paramos muitas vezes para que o homem revire as lixeiras. Não fosse isso eu estrebucharia. Nestes intervalos, Bife focinha pulgas em sua pelagem suja enquanto demonstra ao dono sua estúpida fidelidade canina, bem recompensada por muitos pontapés e poucas varadas.

Nas vilas profundas, as ruas, em suas homenagens, substituem os ricos generais e coronéis gaúchos por menores majores e aspirantes. E descer a Aspirante Jenner, num dia tão queimante, até seria fácil não fosse ter de forcejar horrores para conter a carroça desembestada e rangente. Cortamos da Cruzeiro para a São Luiz, em cujos baixios, habita a gente miúda: pais, filhos, netos de miúda gente. Gente que da força animal tira o escrutínio da vida.

No alto, está a Cadeia e seus inquilinos forçados pela lei geral. Num cafundó da Rua Carmem Miranda, meu dono recebe de outro papeleiro um objeto elétrico, o artefacto misterioso, algo bem difundido entre os humanos, dotado de razoável valor comercial que, meu senhor, tão calmo quanto uma catarata, oculta entre os papelões da carroça. Tal transação realiza-se com ares de clandestinidade. Minha experiência de besta doméstica filosófica ensina que, especialmente em relação aos pobres, as transações econômicas lucrativas primam pela obscuridade e, se descobertas, desencadeiam um fato jurídico punitivo em desfavor de seu autor. Já as transações econômicas dos ricos, ipso facto, encontram-se, em geral, previstas nas leis e costumes e bem iluminadas pelo sol e pela lua cheia.

Verlaine insiste comigo: Et je m'en vais, au vent mauvais, qui m'emporte, deçà, delà, pareil à la, feuille morte[1]. Nesse enquanto, arrasto a carroça pela dita Estrada da Pedreira, uma via novamente ocupada por desfavorecidos, onde ratos mansos até fariam um passeio calmo, não fosse a presença predadora de Bife. Sou levado a um beco encoberto pelo mato, de pedras conhecidas e ar fedorento. No final do beco, nosso homem magro envereda por uma trilha, estalando o látigo, até parar numa clareira abafada e densa, onde apeia e tosse. Minhas orelhas são invadidas por insetos famintos. O açoite do meu rabo precisa trabalhar.

Ouve-se, longe, o rumorejo dos carros e alguma buzina. O magrelo retira-me o freio da boca, seus calcanhares estragados estalam nas chinelas velhas. Remoem o nada que troa por meu sistema digestivo. Lanço-me ao tenro capim-bambu, à sombra dos angicos. O capim é amargoso, mas ainda é capim. Ingiro a poeira grudada à rama, o que empresta àquela sexta-feira um sabor terroso de segunda.

Bife principia o reconhecimento do território, demarcando-o, aqui e ali, à sua natural maneira. Atrelado à carroça, tenho meus movimentos limitados. Ainda assim, busco o capim-bambu, sobretudo os brotos novos, em devaneio famélico, entrevedo luas, estrelas e a pedra de Sísifo. O homem afasta-se um pouco e defeca à nossa vista, da mesma forma que defecamos nós à vista do homem. Estranho apenas que os homens raramente defequem na presença de outros homens.

Ouçoo o rumor de outra carroça, conduzindo um segundo representante da raça maior, tratando-se de outro humano tão catador de lixo quanto meu dono, munido do mesmo trio de apoio: cavalo, carroça e cão. A carreta desse homem vem tão alta de trastes quanto a nossa e seu cavalo de tração parece tão deprimido quanto eu. Interrompo o pastejo e cumprimento aquele Equus com meus belos olhos, recebendo em troca o mesmo olhar incógnito que talvez o tivesse dirigido. Sem maiores demonstrações de afeto, retomo ao pasto e ao verso “Vai, mísero cavalo lazarento, pastar longas campinas verdejantes.”

Os homens, às suas maneiras, confabulam quaisquer coisas. Depois, meu dono vem à nossa carroça de onde emerge com o artefacto misterioso. Ao descobri-lo, percebo tratar-se de um trambolho bastante comum, similar aos que eu já vira na moradia de outros homens, embora não soubesse como se designavam. Um tipo de caixa em cuja parte frontal há uma tela plana de vidro e botões para serem apertados, atrás, existe um tipo de bojo e fios para serem ligados à eletricidade. Pela tela de vidro, ligada tal caixa à eletricidade, eu já vira, desprendiam-se imagens coloridas. As pessoas, eu notava, entretinham-se diante deste equipamento, rindo de enredos muito tolos e pantomimas bastante inconcebíveis.

Nosso dono repassa o trambolho ao outro homem, que o oculta em sua própria carroça, repassando de sua parte ao meu dono um pequeno pacote de conteúdo desconhecido. Tudo ocorre naquele ermo recanto da Estrada da Pedreira, lugarzinho encimado pelo mato ralo, onde paira uma atmosfera triste. E onde toda a gente dali não vive mesmo de refinarias.

Um tanto atrasado em sua função de vigilância, Bife relaxa a demarcação de território e somente aí percebe nossos visitantes. Eriça-se e late, dirigindo a maioria de seus latidos ao outro indivíduo canino. Compartilhando de formalidades comuns, o outro cão escava o chão, rosna e urina, cheirando as partes pudendas de Bife e permitindo recíprocas cheiradas em suas próprias partes.

Os dois humanos destampam uma garrafa e, rindo, começam a beber o líquido diretamente do gargalo. Eu, por já ter experimentado, sabia tratar-se de uísque, um tipo de infusão que torna humanos e cavalos mais resistentes. Meu compatriota, atrelado à carroça, tenta em vão engolir os brotos, embora pouco passe pelo ferro do freio. Compadeço-me, mas nada posso fazer em seu favor. Os cães, depois do curioso introito próprio à raça, parecem mais à vontade,

incursionam pelo campo, somente parando quando o cão do segundo homem nota que seu dono já manobra a carroça pela borda do mato, com o fito de retomar sua jornada. Então Bife e o outro canídeo voltam para junto de nós com ares de notório desânimo em suas caras peludas.

O segundo homem retira-se, levando o trambolho elétrico escondido na carga. Meu dono parece especialmente interessado no pacotinho misterioso que o outro lhe deixara. Abre-o e analisa seu conteúdo detidamente. Noto êxtase em seu semblante. Nosso cão senta-se sobre as patas, também ignorante daquela circunstância afeita à realidade humana.

Nosso dono cata no pacotinho o que parece ser um pedrisco opaco de tom pardo. Observa atentamente aquela pedra contra o sol, aproxima-a da narina e a cheira, fazendo chiar o hidrogênio. Em seguida, apanha na carroça um artefato bucal que, sabia eu por experiência própria, usava-se para inalar todo tipo de fumaça de prazer intoxicante. Deposita a pedrinha no bojo deste artefato, confere lá dentro com um olho, introduz ali um bocado de cinza e fumo seco. Depois, com seu lança-chamas portátil, aquece o artefato bucal ao mesmo tempo em que inala a fumaça amarelada que se desprende do pito. Seus olhos tornam-se flamejantes e uma onda de satisfação entrefecha seus olhos duros e maus.

Observando o homem, ele ainda é o mesmo carroceiro, meu dono, mas seu semblante é outro, de agonia e arrebatamento, de prazer e de loucura. Se pudesse falar, talvez bradasse: “Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou oduque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde que sou eu...”.

E demora-se naquele ritual. Recomeça, refaz, reinicia e nunca ri.

À tardinha, quando, sonolento, já nem pasto mais, o homem segue remexendo no artefato bucal, inserindo nova pedrinha, disparando o lança-chamas, aquecendo, inalando, chupando o monóxido amarelado ao feitio de um verdadeiro maníaco.

Bife, sentado sobre as patas, permanece inquieto próximo a mim, ora de língua pendente, ora grunhindo em direção ao dono, sempre que este emite um tipo particular de silvo. Nós os bichos apenas esperamos pelas providências da raça humana. Como o cão posiciona-se bem em minha frente, vejo, pelo espelho de seus olhos, os procedimentos do homem atrás da carroça.

Quando o sol já amarela, com seus olhos duros injetados de sangue, finalmente, cambaleando encurvado, o homem dirige-se para frente, balbuciando monossílabos, exibindo seus dentes negros e movendo os lábios de maneira convulsiva. Tateia as varas, chega-se à minha cabeça, retira a corda do cabresto e a leva para trás. Apoiando-se, sobe na carroça com dificuldades de equilíbrio, escala a montanha de tralhas e, pelos olhos de Bife, vejo quando laça uma das pontas da corda ao galho do angico que sombreia a carroça. Oscilante, tateia sobre os papelões. Vejo no reflexo dos olhos do cão quando o homem encontra o relho. Agora ri e chora. Vejo quando apóia ambos os pés na tampa traseira. Ata a outra ponta da corda ao próprio pescoço com um nó definitivo, permanece cabisbaixo por um tempo curto, ligado ao galho da árvore, segurando o relho na mão direita, com o semblante autêntico dos tristes. Anoitece em Passo Fundo d’Artes, lugarzinho progressivo para letras e texturas. O homem ainda conta com

seus olhos duros de fera, mas talvez nada mais veja por meio deles. A pouca vida, no diário, apenas procura a calha imprevisível por onde corre o fluxo certo da morte.

No exato instante em que um pássaro noturno voa rente, açoita-me, meu senhor, com a última força de seu mecanismo corpóreo, fazendo com que me lance à frente, num só tranco do meu ser. Bife alvoroça-se, rosna, embaralha-se em minhas patas. Estanco alguns passos à diante. Sinto no ar oscilações e estremecimentos do corpo debatendo-se, preso ao galho derradeiro. Chia seu sistema aéreo, contraem-se os músculos, estorce-se o esqueleto, até que toda a dor faz silêncio. E pela manhã, quando a aurora clareia a campina pobre, há ainda um ínfimo movimento de pêndulo naquele corpo magro pendurado à morte, algo perceptível inclusive a mim, em minha mera condição de cavalo.

[1] E vou-me ao vento, que, num tormento, me transporta de cá p'ra lá, como faz à folha morta.

Data : 20/10/2014

Título : O PRISIONEIRO DA RUA

Categoria: Poesia

Descrição: "Moro na Rua da Liberdade, na casa número dez..."

O PRISIONEIRO DA RUA

Moro na Rua da Liberdade,

na casa número dez.

Prosseguindo à esquerda, além do número cem,
há uma mataria de angicos entrelaçados por cipós.

No alto das árvores, canta o pássaro do arbítrio
e alguma vez a marreca-canelinha.

Mas à direita, por onde a rua alarga, há a civilização
e a grande fábrica dos meus pesares.

Pela manhã, jamais rumo à liberdade das matarias.

Sigo sempre calado somente à maquinaria
daquela fábrica de dois andares.

Passam longe a passarada e o alvitre.

A fábrica

é meu único passo em frente.

O fumo de sua chaminé

é minha vida consumida.

Data : 20/10/2014

Título : OS MORADORES DO MATO

Categoria: Contos

Descrição: "...Que, nesta época, havia se casado com uma mulher jovem, embora de maus dentes, cujo nome nunca soube, mas que tinha o apelido de Pirilampo..."

OS MORADORES DO MATO

O depoente informa que se chama Heráclides, não recordando o sobrenome, que, há algum tempo, extraviou seus documentos pessoais. Declara que há aproximadamente dez anos mora no mato, mais precisamente na reserva ecológica da Serra Geral. Que acredita ter sessenta anos de idade, que aos oito anos perdeu o pai e a mãe no sinistro do navio Punta América. Que não estava neste navio, apenas contaram-lhe sobre a morte de seus pais, quando a grande embarcação incendiou-se perto de Porto Ruaro. Relata que seus pais eram ricos e estavam num cruzeiro de gente rica, pelo que lhe disseram. Que não sabe maiores detalhes sobre os mesmos, apenas isso, e que se chamavam Antenor e Rosa. Que, com a morte dos genitores, foi entregue aos cuidados de um tio chamado Pedro. Esse tio dilapidou imediatamente todo o legado que lhe tocara. Que lembra apenas de alguns episódios dessa época. Recorda que, algum tempo depois, seu tio suicidou-se com um tiro de mosquetão.

Com a morte do tio, encontrou muitas dificuldades para viver, sendo ainda criança e não tendo ninguém que zelasse por si, passou a vagar pelas ruas, coisa que o fez até os dezoito anos, quando então se alistou no tiro de guerra. Serviu na guerra do norte durante dois anos, não se feriu e, ao retornar, deram-lhe um emprego no Instituto Agrário, onde laborou por pouco tempo, sendo demitido por excesso de contingente. Refere que após esse fato, passou a trabalhar em empregos cujos salários eram muito ruins, circunstância que o obrigou a também desempenhar atividades menos honrosas, como o estelionato e o furto. Sendo processado e preso por esses fatos. Naquele tempo, laborava,

de dia, no cais do porto e roubava, à noite, nas casas do barrio rico. Era jovem e destemido, mesmo assim, certa noite, foi detido e preso pela itinerante.

Refere que ficou recolhido na Cadeia Estadual, pela primeira vez, dos vinte aos vinte e dois anos, sendo libertado na manhã do dia de São Bento. Que, então, procurou trabalho no cais do porto e o conseguiu, novamente percebendo salários baixos. Que, mesmo assim, labutou em tais condições, e apenas nisto, por mais cinco anos, quando, forçado pelas circunstâncias, tornou a procurar, à noite, a res furtivae.

Que, nesta época, havia se casado com uma mulher jovem, embora de maus dentes, cujo nome nunca soube, mas que tinha o apelido de Pirilampo. Que não teve prole com Pirilampo. Moravam nas villas de bajo. Recorda que foi preso, pela segunda vez, aos trinta e dois anos, permanecendo encarcerado até os trinta e nove, sendo libertado novamente no dia de São Bento, à tardinha. Naquele mesmo dia, voltou às villas de bajo, reencontrou Pirilampo e outra vez partiu para o trabalho no cais do porto. A prisão, desta vez, havia o enfraquecido. A coragem e a destreza já não eram as mesmas, de modo que não tinha mais serventia na arte do engano. Ainda assim, viveu nas villas de bajo por cerca de dez ou doze anos, fazendo toda sorte de biscates, nem os empregos nem os furtos assentavam mais para ele e a esposa. Moravam em algum casebre, mas logo foram despejados de qualquer casebre.

Relata que, num certo dia de São Bento, ainda pela manhã, Pirilampo, conversando com grande animação, convidou-o para irem morar no mato, especificamente na reserva ecológica da Serra Geral. Diz que concordou com sua consorte e assim o fizeram. Levaram tudo o que possuíam, o que não era muita coisa, umas poucas roupas, cobertores, dois anzóis.

A reserva ecológica era e ainda é desabitada, de gente e de guardas. Informa que, lá chegando, procuraram um ponto bem isolado, à beira do rio. Construíram uma cabana de troncos e cobriram-na com galhos. Caçavam e pescavam para seu sustento. Em dez anos, nunca viram nenhuma pessoa, tampouco ouviram qualquer voz humana. Falavam apenas entre si e com os bichos. Que no mato, durante todo esse tempo, não passaram frio ou fome e tampouco ficaram doentes.

Relata, por fim, que o motivo de apresentar-se nesta delegacia é que, no dia de ontem, depois de uma discussão banal, Pirilampo sem qualquer justificativa, abandonou a cabana da família, passando a morar no oco de uma árvore, distante duas léguas morro acima. Que o declarante empregou diversos meios para convencê-la a retornar para casa, mas que nisto não logrou êxito. Que não empregou nenhuma violência em tal intento, apenas utilizou presentes naturais, palavras carinhosas e pedidos de desculpa. Que permanece com esperanças de que Pirilampo volte para casa, neste próximo dia de São Bento. Que registra o fato apenas para os fins de direito.

Data : 20/10/2014

Título : PÉ DE ANTÚRIO

Categoria: Poesia

Descrição: "Vai e vem o ser vivente, dentro das horas da noite..."

PÉ DE ANTÚRIO

Vai e vem o ser vivente,
dentro das horas da noite,
à casinha de dois quartos
onde mora,
desde a firma dos tostões
onde labora.

Nesse enquanto,
gasta o tempo
e perde tempo.
É o entreter-se por horas
para manter-se por dias.
"Na firma, ocupo-me de me matar", diria.

Em frente à casa modesta,
o pé de antúrio encolhido,
Dormindo ainda por cedo
ou por tarde adormecido.
Na ida e vinda do homem,
brotam e secam as flores.

Um galo cruza o terreiro,
o antúrio move o talo,
pedras pesam a estrada.
O homem apenas trabalha.

Data : 25/10/2014

Título : REI CIFRÃO

Categoria: Poesia

Descrição: "O trabalho de subsistência impediu de cantar o moço que cantava..."

REI CIFRÃO

O trabalho de subsistência impediu de cantar o moço que cantava
e de recitar um que por certo recitaria.

Aquele que pintava paisagens, senão paredes,
nada mais pintou.

E virou bilheteira a aprendiz de escultura.

A prostituta de expressiva feição seria boa atriz,
não fosse talvez a corrida pelo pão.

Mas graças ao trabalho de subsistência do Joaquim,
do Jerônimo,
do João,
da Jandira
e da Julia de Epifania,
no ano da graça de 1906,
lucrou outro milhão e meio a firma Rei Cifrão & Cia.